

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE FRUIÇÃO FEITA PELO PROFESSOR EM SALA DE AULA PARA FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES E PRODUTORES DE TEXTOS

Isabelle Peripolli (G - UNIPAR)
Luiza Maria Pagani (G - UNIPAR)
Roselaine Beatriz Peripolli (G - UNIPAR)
Sara Cristiane Mattei (G - UNIPAR)
Rosângela Bressan Buosi (UNIPAR)

RESUMO: Para despertar nas pessoas o gosto pela leitura é necessário que elas conheçam tudo o que pode adquirir através da leitura, o prazer e o conhecimento que ela pode proporcionar. O lugar mais indicado para que isso ocorra é a escola. Cabe a ela inculcar em seus alunos o hábito de ler, e para que isso ocorra, é o professor que deve dar o exemplo, ler para seus alunos, incentivando-os a fazê-lo. É através da prática da leitura e da escrita, que formaremos cidadãos capazes de expressar suas idéias e pensamentos, de forma coerente, conquistando assim, mais facilmente, seu lugar no mercado de trabalho.

PALAVRAS-CHAVES: Leitura, escrita.

ABSTRACT: For to wake up in this people the gets of the herding. Is necessary that they know everything, what they all to get adquire through to needing books. The plausure and knowledge that can be to get, the best place for this is the school. The school is the place for et the teacher is the one that have to incentive the students, as exemple to needing and making it. Though the reeding e writing book who to get citizus whit the degner be able to express their a idios and fofhs, to be more easy way for couguer your place in the maket place.

KEY WORDS: Reeding, Writing.

INTRODUÇÃO

Desde que nascemos construímos um sistema de referências com o qual vamos dando um significado ao mundo. As crianças, ainda pequenas, iniciam as tentativas de falar e compreender o que lhes é falado. Interagindo com seus interlocutores, organizam seus discursos e gradativamente são capazes de comunicar-se com os outros, entendendo e sendo entendidas. Não é necessário que ninguém lhes ensine de modo sistemático como falar, é através da imitação daqueles que convivem com ela é que aprende. As representações que as crianças elaboram sobre a escrita e seus usos baseiam-se necessariamente, naquilo que ouve à sua volta como uma forma de participação na sociedade.

Quando a criança vem para a escola traz consigo uma bagagem de experiências que difere muito de seus padrões, pois o português que falamos em nosso dia-a-dia nem sempre é o mesmo encontrado em livros e textos escritos, portanto cabe a escola, prover atividades enriquecedoras que assegurem o prazer pela leitura.

Segundo dados do SAEB, Sistema de avaliação da Educação Básica, 22% dos alunos de 1ª à 4ª série, não desenvolveram habilidade de leitura compatíveis com seu patamar de escolaridade. Dos alunos de 4ª série, apenas 5% podem ser considerados leitores competentes, capazes de ler não só textos mais complexos, mas também textos jornalísticos e de informações sob forma de tabela. A situação ao final do Ensino Fundamental não melhora muito o desempenho de 4,86% dos alunos da 8ª série, na disciplina de Língua Portuguesa é considerado muito crítico, enquanto 20,08% deles tem um desempenho crítico.

E foi tentando compreender um pouco as causas dessa situação de certa forma inquietante, é que se propôs a pesquisa realizada pelas graduandas de Pedagogia, e a conseqüente elaboração deste artigo.

A estrutura deste artigo pautou-se com base em dados colhidos e sistematizados em relatórios pelas acadêmicas do

terceiro ano de Pedagogia de 2003, com caráter exploratório de voltar nossa atenção para o sistema de ensino, direcionado a importância da leitura de fruição feita pelo professor em sala de aula, oferecendo desafios ao aluno e tornando possível criar o hábito de leitura como algo atrativo e prazeroso, para que posteriormente possa formar leitores críticos e responsáveis.

Foram coletados dados, na fase de observação da Disciplina de Estágio Supervisionado, durante o mês de março de 2003, quando foram observadas 24 salas de aulas da rede pública, em um período de 16 horas/aulas em cada sala, na cidade de Umuarama e região, para posteriormente elaborar um gráfico pertinente aos dados colhidos da prática pedagógica da leitura de fruição nas escolas.

RESULTADOS

Os dados demonstrados no gráfico nos mostram que 3,8% é o tempo de leitura realizada pelos próprios alunos, seja de maneira individual, coletiva ou leituras de conteúdos. Enquanto que 4,3% de tempo gasto pelos professores do primeiro segmento do ensino fundamental são para realizar leituras com a finalidade de explicar conteúdos. Já 7,8% do tempo de leituras, foram usados para mostrar ao aluno a beleza e o prazer que a leitura pode nos proporcionar. Os 84,1% restantes, nos mostram que o tempo disponível em sala de aula fica para outras atividades.

DISCUSSÃO

A Leitura como fonte de prazer

A leitura tem sido na escola o cumprimento de uma formalidade. ao priorizar o processo de associar sons e letras, decodificar palavras isoladas, formar frases e períodos, afasta-se o aluno do real sentido da leitura, que é, na nossa perspectiva, a possibilidade de mergulhar no universo conceitual do outro.

Para desenvolver esta prática, é importante redimensionar o conceito de leitura, que na perspectiva teórica assumida aqui não pode ser apenas mecânico, da fluência e da boa dicção. Estes são aspectos necessários mas não suficientes quando se concebe a leitura também como um processo interacional entre o leitor e o autor.

A leitura, numa concepção de linguagem interacionista, ultrapassa a compreensão da superfície; ela é mais que um entendimento das informações explícitas, um processo dinâmico entre sujeitos que se instituem trocas de experiências por meio do texto escrito. É preciso que em qualquer atividade de leitura a intenção do autor seja reconhecida.

PAULO FREIRE, numa entrevista na qual lhe perguntaram o significado da leitura, diz o seguinte: eu vou ao texto carinhosamente. De modo geral simbolicamente, eu ponho uma cadeira e convido o autor, não importa qual, a travar um diálogo comigo. Paulo Freire, com seu jeito poético sintetiza a idéia de leitura por prazer. O sentido, nesta perspectiva, não é algo pronto, acabado no texto, mas é conferido pelo leitor que age, ou seja, põe vida no texto a ser lido. Assim quanto maior o número de experiências significativas com a leitura, maior desenvoltura o aluno vai adquirir no gosto e no prazer pela mesma.

Como ainda se vê a leitura nas escolas

Quando se tem a clareza de que a leitura, constitui numa dimensão fundamental do domínio da linguagem e do hábito de ler, torna-se urgente repensar a prática que alguns professores e escolas vem fazendo. Os textos, servem na maioria das vezes, como pretextos para se resolver questões gramaticais, como conjunto de informações para interpretação ou, ainda como portadores de belas mensagens e bons conselhos. Reverter esta prática implica, antes de tudo, na compreensão de que o leitor (professor), não é um sujeito passivo, mas alguém que constrói, que proporciona caminhos que dê autonomia ao seu aluno. E um dos caminhos é a leitura por fruição, mas, expondo todo tipo de texto: narrativos, informativos, dissertativos, poéticos, publicitários etc. A partir desse contato com a diversidade, é possível estabelecer o contraponto, mostrando ao aluno, que o hábito de ler pode ser agradável.

Portanto, quando o aluno tomar gosto pela leitura, a literatura, por outro lado, não poderá mais ser pretexto para se preencher fichas, completar o horário de aula, ou coisa parecida. Ela ocupará um espaço privilegiado não aquela que se propõe a ensinar coisas aos alunos e a organizar o mundo para eles, mas aquela que tem a dimensão do estético e a sua preocupação maior, que é a de também despertar o gosto pela leitura e o prazer de ler, que podem nascer através de

momentos de interação entre professor e aluno, através da leitura por fruição.

Quem ensina a ler e a escrever?

Ao entrar na escola, a criança se depara com uma língua escrita, diferente daquela que está acostumada. Há textos de diferentes gêneros, e ela precisa conhecer para poder escrever. Já que ninguém cria do nada, é necessário, que os alunos tenham acesso a diferentes tipos de textos, explorem, observem suas características, aprendem a estabelecer essa dicotomia entre a modalidade escrita e a oral.

Muitas vezes, é só a partir do ensino formal do Português, que as crianças se deparam com construções do tipo “ Maria acabara de entrar ”, Sente –se, disse o professor”, “Pedro estava na escola, porém não encontrei” e muitas outras que são peculiares aos textos escritos. (REGO, 1990, p.10).

É nesse paradoxo que se explica a dificuldade das crianças em elaborar textos. Ao passar suas idéias para o papel elas devem passar pelo crivo das regras gramaticais: concordância, ortografia, todo o tipo de regras, para que seus textos sejam socialmente aceitos. Ou seja, pensa-se de uma forma e escreve-se de outra. REGO (1998) afirma que: “poderíamos mesmo dizer que a língua escrita é um produto lingüístico mais depurado”. Para adequar-se com essa forma escrita, não há outra alternativa que não seja ler, ler muito, para familiarizar-se com a sintaxe da língua escrita concordância verbal e nominal, formas e tempos verbais, uso de preposições, conjunções, entender os sinais de pontuação, perceber que essa linguagem é carregada de recursos léxico-gramaticais mais elaborados, mais sistemáticos, e está imbuída de um senso estético que não está presente na oralidade..., “nós só vamos aprender a ler e a escrever em português se praticarmos bastante a leitura e a escrita em português, (...) onde? Só tem um lugar: na escola”. (GUEDES & SOUZA, 1998, pg 15)

É à escola que outorga-se a grande tarefa de despertar nos alunos o gosto pela leitura, já que para muitos deles este é o único lugar onde ele encontra livros. Cabe ao professor proporcionar aos alunos muitas e muitas oportunidades para que todos descubram que ler é uma atividade muito interessante, que a leitura nos proporciona prazer, diversão, conhecimento, liberdade, uma vida melhor, enfim.

Para formar leitores, é imprescindível que se mostre a ele, a beleza da leitura, o que ela pode lhes proporcionar. Não bastam textos preparados para a cartilha, com a simples função de explicar ou introduzir determinado conteúdo curricular. É preciso que os textos sejam variados: artigos, propagandas, anúncios, histórias em quadrinhos, de suspense, de amor, de aventura. A leitura deve ser prazerosa, e não uma obrigação. Quando ela é imposta, ou mesmo que não seja, mas não desperta a curiosidade do leitor, não prende sua atenção, rapidamente é substituída por outra atividade. Mesmo que seja em sala de aula, o leitor vai prender sua atenção em algo mais interessante, ainda que essa seja lembrar do desenho que assistiu no dia anterior ou que irá fazer depois da aula. O exemplo deve vir do professor, ele deve ser capaz de mostrar aos alunos tudo o que a leitura pode lhes proporcionar, é ele quem deve tomar a iniciativa de ler textos para seus alunos,

textos estes, que sejam envolventes, que instiguem o aluno a ler mais, a querer saber mais.

Familiarizado com a língua escrita, o aluno tem mais possibilidades de expressar –se através das palavras, expor suas idéias e sentimentos. Quando, no início da escolaridade, o aluno começa a escrever, não possui grandes conhecimentos literários, passa para o papel aquilo que pensa, da mesma forma que falaria, com os mesmos vícios de linguagem, expressões que marcam as formas coloquiais como “ai” e o “né”. Sem o contato com outras formas de escrita, não se pode esperar que o aluno escreva textos mais complexos, com mais conteúdo, pois, como já foi dito, ninguém cria do nada, é preciso que se tenha o conhecimento da forma escrita. Esse conhecimento só é adquirido e aprimorado através da leitura, e aí chegamos a uma grande questão: se o aluno não lê, como poderá adquirir o conhecimento para criar bons textos? Em que ele poderá se basear para escrever?

Um aluno que tem o hábito de ler, adquire um vocabulário mais amplo, amplia seus conhecimentos. Conseqüentemente terá mais opções para escrever, aumentam as chances dele criar um bom texto. Como já foi citado acima, é somente na escola que muitos dos alunos entram em contato com a leitura, se essa oportunidade lhes for negada ou mal aproveitada, certamente suas chances de gostar ler, serão reduzidas, e com ela as chances de torna –se um bom criador de textos, um escritor.

CONCLUSÃO

Quanto mais oportunidades tenham os alunos de ouvir, ver e sentir leituras alheias, maior será o prazer e a sensibilidade para compreender o que lêem e ouvem. Quando a leitura é uma necessidade, um gosto apreciado no ambiente

em que a criança vive, se é partilhada, usufruída em comum, a criança desenvolverá o quanto puder a capacidade e o prazer de ler. É através da leitura que se tem acesso aos significados da cultura em que vive, estabelecendo relações entre as informações e construindo sentido para si e para o mundo. A escola, um dos lugares de construção dos saberes sociais, ela precisa considerar a diversidade de significados sociais e culturais que as crianças compartilham. São essas considerações que tornam fundamentais no trabalho com a prática da leitura, à medida que a aprendizagem da leitura e da escrita não é compreendida como uma aquisição mecânica, pois quando entendida dessa forma acaba-se transformando no que pudemos comprovar em nossa pesquisa, sobre o acontece hoje nas nossas escolas, a leitura acaba-se transformando numa prática de sacrifício, sem desejo e prazer. Não basta oferecer às crianças livros em quantidade, ou ficar apenas nas leituras obrigatórias do livro de apoio didático, é necessário levar a criança a perceber, sentir de verdade que a leitura é um elemento essencial para a vida.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

GUEDES & SOUZA. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português. In. **Ler e escrever compromisso de todas as áreas**. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 1998.

REGO, Lúcia Lins Browner. **Literatura Infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola**. 2.ed. São Paulo: FTD, 1990.

TEBEROSKY, Ana; CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da Leitura e da Escrita**. 8 ed. São Paulo: Vozes.